



ELAS FALAM: NARRATIVAS LITERÁRIAS DE RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Paula de Vasconcelos Rego¹

Marta Francisco de Oliveira²

Resumo: Em muitos períodos e sociedades, as mulheres foram vistas como personagens coadjuvantes nas representações culturais, sociais, políticas e literárias, além de serem submetidas a múltiplas violências, ao silenciamento e à invisibilização, situações que permanecem até os dias de hoje. Nesta pesquisa, damos ênfase à violência doméstica e ao feminicídio no Brasil, com base em dados reais, bem como na leitura e na reflexão realizadas sobre o conto “Gesso”, presente na obra *Redemoinho em Dia Quente* (2019), de Jarid Arraes, e sobre o livro *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, narrativas a partir das quais percebemos como os corpos femininos são cada vez mais objetificados e compreendidos como descartáveis e matáveis. Dessa forma, propomos, com este trabalho, iniciar o estabelecimento de um paralelo crítico entre o social, o cultural, o político, o ético e o estético apontando para possibilidades de práticas de existência e reexistência nos modelos de coalizão, de trabalho conjunto e em múltiplas vozes.

Palavras-chave: Violência doméstica. Narrativas. Protagonismo feminino. Literatura.

THEY SPEAK: LITERARY NARRATIVES OF RESISTANCE AND REEXISTENCE BY WOMEN VICTIMS OF VIOLENCE

Abstract: *In many periods and societies, women were seen as supporting characters in cultural, social, political and literary representations, in addition to being subjected to multiple violence, silencing and invisibility, situations that remain until today. In this research, we emphasize domestic violence and femicide in Brazil, based on real data, as well as on the reading and reflection carried out on the short story “Gesso”, present in the work *Redemoinho em Dia Quente* (2019), by Jarid Arraes, and about the book *Mulheres Empilhadas* (2019), by Patrícia Melo, narratives from which we perceive how female bodies are increasingly objectified and understood as disposable and killable. In this way, we propose, with this work, to initiate the establishment of a critical parallel between the social, the cultural, the political, the ethical and the aesthetic, pointing to possibilities of practices of existence and re-existence in models of coalition, of joint work and in multiple voices.*

Keywords: *Domestic violence. Narratives. Female protagonism. Literature.*

1 UFMS. ORCID: 0000-0003-0552-5423.

2 UFMS. ORCID: 0000-0002-5212-5361.

Introdução

O objetivo deste trabalho é, a partir da leitura da obra *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, e do conto “Gesso”, da obra *Redemoinho em Dia Quente* (2019) de Jarid Arraes, propor uma reflexão sobre como mulheres exercem o protagonismo, por meio da escrita, a partir do exemplo das escritoras e de outros modos, na busca por amparo e proteção legal ao exercer seus direitos e denunciar as agressões que sofrem. Consideramos o literariamente narrado, pautado em situações semelhantes às da vida real de tantas mulheres, como um ‘alçar a voz’, tomar a palavra e agir para desenvolver narrativas e vivências que se inscrevem como de resistência, empoderamento, denúncia e superação de modelos de vida e existência subordinados e submissos a uma relação de poder estabelecida em nossa sociedade em sua estruturação patriarcal, racista e capitalista.

Deste modo, desde nosso título buscamos romper com tais imposições: “elas falam” é a porta de entrada para a construção de uma vontade de pesquisa e de reflexão na qual buscamos verificar alguns dados sobre a violência contra mulheres no Brasil e estabelecer uma leitura, pelo viés da literatura, dos modos como as vozes femininas tratam, artisticamente, de tal tema. Ao lado de dados reais, estatísticos, de uma realidade cruel, a potência da literatura, com seu poder de expressão e de despertar sensibilidades, promove uma via de acesso a saberes e diálogos essenciais para a promoção de relações pautadas em respeito e igualdade.

Modos de resistir e contestar a violência contra as mulheres: dados de uma realidade

A partir do objeto estético, literário, e de pressupostos teóricos que depreendemos das considerações feitas pelas autoras Branca Moreira Alves e Jacqueline Pintaguy, em seu livro *Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer* (2022), iniciamos a compreensão acerca de como nossa sociedade se constitui pela normalização de ataques e agressões direcionadas às mulheres. Segundo as autoras, a subordinação e a desqualificação do corpo feminino é uma construção social, presente em nossa história desde os primórdios da colonização, e “resgatar as histórias das mulheres que por muitas vezes foram mantidas invisíveis é, portanto, parte indispensável à luta por revelar, entender e superar a discriminação” (ALVES; PINTAGUY, 2022, p. 26).

Na sociedade brasileira, ao longo do tempo, os papéis sociais designados para as mulheres foram reforçados por determinados modelos que aparecem em forma de representação cultural, estética e literária. Em consequência disso, por um lado a mulher, de modo geral, ainda está sujeita a uma existência restrita ao espaço doméstico e privado, devendo cumprir funções ligadas à maternidade, ao cuidado do cônjuge e dos filhos, papel que reafirma a posição do feminino “exemplar”, mesmo quando se exige ou se permite sua inclusão na vida pública, exterior, sobretudo do mundo do trabalho. Dessa forma, faz-se presente na vida social um pensamento misógino que tem uma construção simbólica e histórica, o qual encoraja e difunde um entendimento da condição da mulher, de sua força e de sua inteligência como sendo de inferioridade.

A relação de autoridade que o homem impõe sobre a mulher retrata também uma exploração, na qual a mulher encontra-se em situação de subordinação e o seu corpo é tratado como um objeto de posse, de debate, de exposição, de desejo e punições violentas que podem chegar à morte. Entre os tipos de subordinação e opressão sob os quais vivem as mulheres, destacam-se a violência, as discriminações e as múltiplas formas de agressão, podendo ser física, psicológica, econômica, sexual, entre outras. Neste trabalho, trataremos sobre a violência doméstica praticada por aqueles que deveriam apoiá-las e cuidá-las, pela relação de afeto e companheirismo supostamente estabelecida. Assim, é importante destacar que essa pesquisa é voltada para as mulheres brasileiras, tendo em vista o agravamento que a violência doméstica teve no Brasil diante do isolamento social, causado pelo Covid-19.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) emitiu uma nota sobre os dados quantitativos de violência contra mulheres, os quais apontam que, desde os primeiros meses de isolamento até o relatório de 2021, houve uma queda nos registros de boletim de ocorrência por violência doméstica, embora os casos tenham aumentado. Essa disparidade deve-se às restrições institucionais de apoio à mulher, em paralelo à diminuição da renda familiar visto que, devido ao período de isolamento, muitas pessoas perderam o emprego, à manipulação da vítima por parte do agressor em razão do maior tempo de convivência, ocasionando, além disso, o aumento do estresse e do maior consumo de bebida alcoólica, fatores frequentemente observados em tais episódios de violência.

Durante o período pandêmico, os serviços de atendimento e acolhimento à mulher precisaram se adaptar à realidade e melhorar seus canais de escuta de registros para que fosse possível fazer uma denúncia ou buscar uma orientação de modo mais eficaz. Dessa maneira, em 2021 o FBSP produziu uma pesquisa intitulada *Visível e*

invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, que teve como objetivo medir a taxa de vitimização das mulheres, em conjunto com os casos de violência. A pesquisa revelou que 1 em cada 4 (24,4%) das mulheres brasileiras, de 16 anos ou mais, afirmaram ter sido vítimas de alguma agressão ou violência nos últimos 12 meses anteriores a pandemia de Covid-19. Ou seja, em média, 17 milhões de mulheres sofreram violência baseada em gênero no último ano desde a pesquisa realizada em 2021. Por outro lado, de acordo com as pesquisas, o FBSP, a violência de gênero vem se tornando mais evidente para sociedade brasileira, o que reflete o avanço das pesquisas e o amadurecimento do debate público em torno do tema.

A violência deixa marcas visíveis e invisíveis na vida de cada mulher que a sofre, principalmente o sentimento de culpa e o silenciamento, que geram comportamentos que a deixam mais vulnerável, favorecendo a repetição de episódios de violência, de modo a originar um ciclo nocivo à sua vida. Porém, vale destacar que pode haver uma reação positiva, entendida como a busca pela reexistência, ou seja, por modos de lidar com o sofrido e buscar alternativas de vida e trabalho. De fato, tal discussão vem sendo abordada cada vez mais por meio da escrita literária e, principalmente, pela escrita de autoria feminina.

Sendo assim, no contexto contemporâneo e literário, este trabalho teve como objetivo explicitar e amplificar as potencialidades da literatura de autoria feminina, com base em textos que retratam de modo cru e pautado no real a submissão do corpo da mulher, o seu silenciamento e a culpa que tantas carregam em consequência da opressão masculina.

O olhar literário: as personagens ficcionais como forma de reexistência

No Brasil, há diversas autoras que representam a temática feminina por meio do protagonismo de mulheres a partir de suas escritas e narrativas. Em um estudo sobre a violência e o feminicídio, tomamos como referência o conto “Gesso”, da obra *Redemoinho em Dia Quente* de Jarid Arraes, e o romance *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo, nos quais as autoras denunciam a objetificação do corpo feminino e a “licença para matar” observada em situações de poder na relação desigual homem/mulher.

Escritora, poeta e cordelista, nascida em Juazeiro do Norte em 1991, na região do Cariri, Jarid Arraes é uma autora atuante na cena literária brasileira. Sua literatura é um espaço onde a escritora se sente à vontade para falar do seu povo, da sua cultura e

da região em que nasceu e cresceu. No livro *Redemoinho em Dia Quente* (2019), a presença das mulheres está presente em todos os contos, e podemos perceber a maneira singular que ela apresenta as suas personagens, os corpos e as vozes que sempre foram silenciadas e estereotipadas. Desse modo, a leitura nos coloca em contato com narrativas em primeira pessoa e que, independentemente de um texto ser mais cômico ou ser de uma tristeza inesperada, de algum modo somos forçadas (mesmo que involuntariamente) a reconhecer um referencial e dirigir o olhar para a realidade circundante, às vezes com um olhar crítico, mas também com certo grau de empatia.

O conto “Gesso” é constituído pelo relato de uma mulher que não é exatamente o modelo de calada submissão diante das agressões de um homem. O texto se inicia apresentando os costumes religiosos ambientados no nordeste brasileiro. A personagem narradora, Doralice, comenta que sempre achou bonita a cerimônia realizada pelas vizinhas, diz que não acredita, mas que gosta de estar lá, entre amigas e conhecidas. No dia da cerimônia do Sagrado Coração de Jesus, na casa de Socorro, a personagem tinha esquecido de ir se encontrar com Sérgio, seu namorado. Doralice comenta que Sérgio era “horroroso”, não de aparência, mas por causa das coisas que ele fazia como, por exemplo, “xingar e descontar sua raiva” nela:

No começo só xingava, me chamava de burra. Colocava na cabeça que eu estava dando moral pra outro e dizia que eu era uma quenga. Muita ênfase. Eu sempre respondia, não ficava calada. Só chorava em casa. Mas aquilo foi me dando medo e mais medo, porque Sérgio foi piorando os xingamentos e depois começou a me apertar pelo braço e sair me puxando até me deixar em casa. (ARRAES, 2019, p. 78).

Na narrativa, a vizinhança é retirada como sendo já acostumada e indiferente/apática a tais situações, pois estas se repetiam diariamente. Este é um importante aspecto do conto, pois enfatiza uma tendência, tal como observada em nossa sociedade, à normalização de relações abusivas, frequentemente entendidas como particulares, de modo que não se deve interferir, pois supõe-se que a mulher permanece no relacionamento porque quer e porque “gosta” da situação em que se encontra. Diante da constituição da narrativa, percebemos a representação/reprodução de um sertão nordestino ligado a tradições com comportamentos arraigados no poder do macho, usando a expressão de Safiotti (1987), em que, para muitos, é “normal” ver a mulher sofrer agressões de seu marido ou companheiro.

Por ter sido esquecido pela personagem, Sérgio apareceu com raiva e queria levar Doralice embora, mas ela não quis ir, porque se fosse saberia que ia morrer de

tanto que Sérgio ia machucá-la. No conto, Doralice já sabia que possivelmente iria morrer uma hora ou outra pelas mãos de Sérgio, devido aos constantes maus-tratos e à sua própria compreensão de que estava em um processo de gradativo aumento da violência que sofria. Sua fragilidade é evidente, pois sua condição de mulher naquela comunidade não lhe garante auxílio por parte de ninguém.

No dia seguinte, Sérgio voltou para levar Doralice para casa; ela não queria ir, chorou e ouviu os xingamentos dele enquanto este a segurava pelo pescoço depois de quase ter-lhe quebrado o rosto - a agressão violenta se concretiza. Então, Doralice se aproveita que Sérgio lhe dá as costas e pega a imagem da Santa para se defender. O ponto de tensão neste conto apresenta um certo alívio por não se tratar da morte de Doralice.

Apesar da Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15) ter contribuído para que a população brasileira, em conjunto com as esferas governamentais e jurídicas, se desse conta da enorme quantidade desses crimes, sabemos que a realidade demonstra que o assassinato de mulheres continua a acontecer e aumentar de maneira alarmante.

A partir desta primeira consideração, estabelecemos um paralelo com nossas primeiras impressões de leitura do romance *Mulheres Empilhadas*, de Patrícia Melo, publicado em 2019, de Patrícia Melo, que dialoga com o conto de Arraes na questão da violência contra a mulher. Entretanto, no romance de Mello, o tema central da narrativa é o feminicídio, concretizado.

Patrícia Melo é uma escritora contemporânea, roteirista, artista plástica e dramaturga de São Paulo, nascida em Assis em 1962, que recebeu um pedido da Editora Leya para a criação de uma narrativa que representasse os aspectos da vida da mulher brasileira. Sendo assim, a escolha da autora se dá pela repercussão e pela grande quantidade de casos de violência contra mulheres, principalmente no estado do Acre, onde acontece a maior parte da história. *Mulheres Empilhadas* é dividido em capítulos numerados de 1 a 11 e ao longo da narrativa há referências a assassinatos reais, inclusive apresentando, em alguns casos, os nomes completos das vítimas, suas idades e de que maneira foram mortas. E, também, é dividido pelos capítulos de A a Z o leitor pode acompanhar toda a trama.

No título, a autora faz referência a inúmeras mulheres que são mortas diariamente e quanto àquelas que mencionadas no texto, a personagem vai ao tribunal acompanhar um mutirão de julgamentos. O que se relata no início do romance acontece após a protagonista, uma advogada paulistana (única cujo nome não é identificado),

levar um tapa do seu ex-namorado Amir e decidir se mudar para Cruzeiro do Sul, um município que fica no estado do Acre, para acompanhar uma série de julgamentos sobre as vítimas de feminicídio, trazendo de volta a ferida não cicatrizada de uma filha que teve sua mãe morta pelo pai.

A esse respeito, ressaltamos aqui um detalhe que revela a repetição de um ciclo, que aconteceu tanto com a mãe quanto com a protagonista: a violência praticada por alguém que conhecia. A advogada, quando criança, teve sua mãe abusada e assassinada pelo companheiro, pai da personagem, diante disso, percebemos que quando a protagonista leva um tapa do ex-namorado é como se toda a história estivesse se repetindo, já que ela também nunca imaginou que seria agredida por alguém no qual tanto confiava.

No decorrer do romance, a protagonista aceita uma proposta de trabalho no Acre e acaba conhecendo novos lugares e pessoas, e olhando para si mesma como uma forma de autoconhecimento e reconhecimento, que proporcionará um resgate de sua memória e modos de persistir e resistir a tudo que viveu e o que está vivendo. Mas, durante esse processo, ela percebe que “não importa onde você esteja, não importa sua classe social, não importa sua profissão, é perigoso ser mulher” (MELO, 2019, p. 75).

A triste realidade adentra a ficção para novamente mostrar a imposição da necessidade de resistência contra uma cultura da opressão e das múltiplas violências que se naturalizam nos comportamentos masculinos contra as mulheres. Além disso, Patrícia Melo, em sua obra, amplia as possibilidades de discussão ao abordar diversas questões como, por exemplo, as fases pelas quais as mulheres passam por causa da violência, quais são os motivos e por quem são mortas e, principalmente, como os corpos femininos são matáveis e objetificados pelos homens de modo geral, de maneira crua e carregada de ódio.

Portanto, ao aceitar a proposta de acompanhar mutirões de julgamento com mulheres vítimas de violência em Cruzeiro do Sul, o primeiro julgamento que a protagonista presencia é o caso de Txupira, uma indígena, que foi morta por três rapazes, brancos e de classe média que, durante o julgamento, disseram “que não tinham a intenção de estuprar, nem matar; queriam apenas se divertir ou assustar” (MELO, 2019, p. 36). Essa é uma situação que aparece diversas vezes durante o romance; em outras, há relatos de mulheres que foram mortas porque “não obedeceram” a seus maridos, como é apresentado no capítulo 8. E, quando tais casos são levados ao tribunal depois de anos, não demoram sequer três horas para serem julgados e a desculpa do agressor

é sempre que ele estava bêbado, que a mulher o irritou - ou seja, aceita-se que a culpa é dela - e que por isso ele agiu em legítima defesa.

A esse respeito, estabelecemos um paralelo com dados da realidade brasileira, uma vez que a personagem os evoca. Segundo as pesquisas e estatísticas do FBSP, ainda do ano de 2021, os dados indicam que houve um aumento de 4% nos casos de feminicídios, 0,8% nos de violência doméstica e 4,1% nos casos de violência sexual, em 2019, ano da publicação da obra de Patrícia Melo e Jarid Arraes mencionadas neste trabalho. Lembramos, ademais, que esses dados são os que foram registrados por meio de boletins de ocorrência e que ainda há aqueles que não foram contabilizados pelo fato da não realização ou, até mesmo, do arrependimento/medo/ameaça que faz a vítima retirar a denúncia da violência.

Além disso, uma recente pesquisa do FBSP, em 2022, divulgou os dados do primeiro semestre deste ano, no qual 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, média de 4 mulheres por dia. Este número é 3,2% mais elevado que o total de mortes registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 mulheres foram assassinadas. Os dados indicam um crescimento contínuo das mortes de mulheres em razão ao gênero feminino desde 2019. Em relação ao primeiro semestre de 2019, o crescimento no mesmo período de 2022 foi de 10,8%.

Na obra *Mulheres Empilhadas* (2019), durante todo o processo no tribunal, a advogada nos mostra que fazer uma denúncia não é a última etapa de quem sofre violência. Diversas mulheres sofrem ameaças dos seus parceiros diariamente quando tentam sair de uma situação violenta e abusiva, ouvindo de seu agressor o aviso de que “se ela for embora, ele acaba com sua vida” (MELO, 2019, p. 87). Entretanto, a realidade não é só essa.

Patrícia Melo nos apresenta a forma como o sistema de suposta proteção e a prisão do agressor não resolvem todos os problemas daquelas mulheres que são/foram vítimas de violência, sobretudo, aquelas que vivem em uma situação de baixa renda e têm filhos. Há outros sentimentos, próprios, pessoais, além daqueles que resultam de cobranças sociais e culturais, que pesam para cada uma segundo sua situação, conforme é detectado pela personagem advogada: “no intervalo dos julgamentos, elas vêm falar comigo. Estão cheias de culpa. (...) Se o cara já está preso, elas sofrem porque os filhos estão longe do pai. Sofrem porque se sentem vulneráveis. Sofrem porque querem manter a família. Sofrem porque estão sem grana” (MELO, 2019, p. 131).

De fato, a cultura da culpabilidade que a mulher carrega ao longo da história prevalece até os dias de hoje, tanto antes quanto depois da violência, podendo se estender aos campos físico, psicológico, emocional, econômico. É preciso estabelecer modos de atuação que forneçam tanto amparo eficiente como alternativas e prevenção. Sendo assim, dar visibilidade através de processos de escrita e escuta é, ainda, enfrentar a grande lacuna da história das mulheres em nossas próprias histórias oficiais, nacional ou local.

Quando reivindicamos a presença das mulheres na historiografia, buscamos superar a lacuna deixada pela invisibilidade à qual foram submetidas pela história única oficial, por sua vez imposta pelo sistema moderno/colonial de gênero (LUGONES, 2008). Entretanto, ao analisar a obra *Redemoinho em Dia Quente (2019)* e *Mulheres Empilhadas (2019)*, percebemos que há múltiplas histórias de mulheres que podem ser contadas, em primeira ou em terceira pessoa, quer dizer, por si mesmas ou por meio de outras/outros que tomam a voz ou a escrita, buscando modos de resistência e, principalmente, tentando recriar suas vivências e relatando suas experiências, em um esforço de ressignificação, de opção por modos outros de vida, de reexistência.

A voz de Doralice e da advogada paulistana evidenciam os atos invisíveis das mulheres que, como tantas outras, buscam diariamente viver sem os estereótipos que lhes foram impostos desde séculos passados. Nesse sentido, observamos a importância, através do objeto estético e literário, das narrativas e do processo de escuta como forma de recuperar as memórias e os aspectos vividos, fazendo com que se ampliem as experiências através de tais histórias, havendo uma troca e cumplicidade de projetos conjuntos que as fortaleçam e garantam seu direito à fala, à vida, a suas escolhas.

Considerações Finais

As leituras de obras como as das escritoras Jarid Arraes e Patrícia Melo preza por vidas e significa criar e ampliar espaços literais e simbólicos de trabalho conjunto de resistência que promovam relações mais justas e igualitárias. O protagonismo feminino presente em tais obras ressignifica a força e a busca pela reexistência de mulheres, tanto em aspectos de escrita como de vida que precisam ser valorizados. Buscamos formas de conexão com e entre mulheres, em especial aquelas atingidas pelas múltiplas violências, mas não apenas; é necessário ampliar os modos de discussão e proposição de alternativas entre todos em nossa sociedade. Que homens, mulheres e outros/todos os gêneros, de todas as classes, idades, raças e grupos entendam e promovam a

democratização do respeito e da dignidade humana, para que o que se empilhe e se engesse, ou a que se recorra, seja a valorização de cada corpo, mente e escolhas de cada sujeito/indivíduo em todas as relações.

Referências

ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. **Fontes históricas**, v.2. São Paulo: Contexto, 2008.

ARRAES, J. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

AZEVEDO MA & GUERRA VNA 1988. **Pele de asno não é só história...**Um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes. São Paulo: Editora Roca, 1988.

FBSP. **13º Anuário Brasileiro Segurança Pública**, 2019. Disponível em: Anuário 2019 v5.indd (naosecale.ms.gov.br).

FBSP. **Relatório Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 3º Edição - 2021. Disponível em: <relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf (forumseguranca.org.br)>. Acesso em: 13/01/2023.

LUGONES, M. **Colonialidad y género**. Tábula Rasa [online], v. 9, p. 73-102, 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&lng=pt.

MELO, Patrícia. **Mulheres Empilhadas**. São Paulo: Editora Leya, 2019.

MORAIS, Raquel Souza. **Resenha de Mulheres Empilhadas, Patricia Melo**. Disponível em: <https://escritossuspeitos.com.br/2021/04/01/resenha-de-mulheres-empilhadas-de-patricia-melo-raquel-souza-de-morais/>.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna Coleção Polêmica, 1987.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio; BAIMA, Ana Paula da Silva. **Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual**. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2008, vol.28, n.4, pp. 728-741. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400006>>. Acesso em: 13/01/2023.